

## A MULHER DO FIM DO MUNDO:

### O CONTRADISCURSO NA OBRA DE ELZA SOARES, SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA CULTURAL E DOS DIREITOS HUMANOS

Elisandra Gustavo dos Santos Lins<sup>17</sup>

*Resumo:* Neste estudo visa-se pesquisar a vida e obra da cantora Elza Soares de modo a discutir como ambas representaram as vozes silenciadas dos negros e negras das periferias. O silenciamento histórico e a pouca proteção legal impostos aos negros é consequência da ordem cultural, política e social, e contribui para violações sistemáticas ao Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, essência dos Direitos Humanos. Será investigado e identificado na produção cultural e artística de Elza Soares como ela se utilizou do direito de resistência para representar minorias, e, assim, defender os Direitos Humanos negados aos subalternizados. O processo está transcorrendo com a pesquisa e estudo da vida e obra de Elza Soares, e, se seu trabalho permitiria classificá-la como defensora dos Direitos Humanos e representante das minorias. A pesquisa busca teóricos para embasar o objeto a ser pesquisado. O percurso teórico-metodológico para realização da pesquisa dar-se-á por abordagem qualitativa, investigando a vida e a produção cultural e artística de Elza Soares, o que se dará mediante a análise de

---

<sup>17</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida; Advogada. Integrante do grupo de pesquisa NUTOPIA (UNEB). Endereço eletrônico: [elisandralins@hotmail.com](mailto:elisandralins@hotmail.com) Orientador Prof. Dr Arivaldo de Lima Alves

documentários, shows e filmes biografia e referências bibliográficas que serão identificados e problematizados.

*Palavras-Chave:* Direitos Humanos. Produção Cultural. Resistência.

## INTRODUÇÃO

Os silenciamentos históricos impostos a negros e negras é fato público e notório. A violência imposta aos negros, negras e demais minorias de igual modo. As minorias, por uma questão de sobrevivência, estão expostas a todo tipo de crueldade que se possa imaginar. Os marginalizados não têm fácil acesso a saúde, educação, segurança, moradia, transporte e arte.

Do ponto de vista jurídico poderíamos até sugerir uma divisão aos subalternos, porque dificilmente serão grandes latifundiários, banqueiros e empresários, cujas ferramentas jurídicas são essenciais para manter seus privilégios e regalias. A classe trabalhadora, enquanto subalternizada, por exemplo, terá Justiça do Trabalho; acesso ao Direito de Família (pensão alimentícia, divórcio, dissolução de união estável); e acesso ao Direitos do Consumidor. Os demais, que não tem um emprego formal e vivem na informalidade ou no desemprego, terão grande possibilidade de serem acolhidos pelo Direito Penal e Processual Penal.

Em suma, os grupos minoritários sofrem com a negação/ausência de direitos, o que viola a Dignidade da Pessoa, os Direitos Humanos. Entretanto negros, negras, indígenas, homossexuais, resistem a toda adversidade e o fazem através da arte.

Pensando nestes dois pontos (na arte e no direito), reconheci em Elza Soares uma potência capaz de, com sua voz, representar outras vozes por vezes silenciadas. Principalmente ela, mulher, negra, de origem periférica, que sofreu toda a sorte

de preconceito durante a sua carreira, mas que tomou da música, da arte, para levantar bandeira em favor dos subalternos que, assim como ela, sofrem violências de todo tipo, em muitos contextos sem voz e sem vez num mundo de privilégios apenas para o masculino, branco, hétero detentor de poder econômico.

Além disso, a escolha da cantora se justifica a partir de sua trajetória de vida, visto que ela esteve ativa desde antes da ditadura militar até o ano de sua morte (2022). Elza Soares, nascida na década de 1930, vivenciou o processo de (des)construção social do papel da mulher na sociedade, logo, sua obra permite ampla investigação e discussão.

Acresça-se que a trajetória de Elza Soares, que tinha tudo para legitimar uma vida de conformidade e de aceitação ao que lhe foi imposto, um lugar de inferiorização e de invisibilidade, ao contrário disto, encontra na música uma forma de dar voz e corpo ao seu desejo de se libertar das formas de opressão, de modo ousado, irreverente, a julgar pelo conjunto da sua vida e obra. Só para frisar não era dado à mulher o direito de escolher ser cantora, pois, antigamente, era uma profissão que se assemelhava, socialmente, à de prostituta e, sendo negra, este preconceito se duplicava.

Elza Soares, considerada como a cantora do milênio, cuja carreira acumula mais de 60 anos, foi, sobretudo, resiliente ao longo de sua vida. Resistiu a uma série de dificuldades, violências e preconceitos no âmbito pessoal, o que, conseqüentemente, afetou a sua produção artística, haja vista existir canções que clamam pelo empoderamento feminino, pelo respeito à diversidade, pelo respeito a igualdade racial, que denunciam violência, desafiam as estruturas de poder vigentes na sociedade.

Podemos dizer que, a própria figura de Elza, uma cantora negra considerada como um clássico da MPB e da música

contemporânea, de maneira geral, já realiza, por si só, um contraponto aos discursos e ideologias hegemônicos. Sendo assim, o lugar de fala da cantora é perpassado por uma trajetória histórica na sociedade e na luta por direitos, tendo em vista que Elza Soares, mulher, negra, periférica, vivenciou todo o processo de (des)construção social do papel da mulher na sociedade.

Elza Soares, mulher, negra, favelada e artista, silenciada na infância e juventude, fez da sua arte um instrumento de sobrevivência e resistência. Dentre as tantas canções cantadas por Elza Soares, a título de exemplo, destacamos a canção *Maria da Vila Matilde*, por esta remeter às questões das relações de poder que envolvem o empoderamento feminino e políticas públicas, uma pauta contemporânea. Portanto, é crucial compreender como isto é reivindicado, sinalizado na música exemplificada, cantada por Elza:

Cadê meu celular? Eu vou ligar pru um oito zero  
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais  
Eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo se você se aventurar

Com a leitura desses versos, será possível identificar como se apontam caminhos para desconstrução do que antes se entendia da mulher que sofria agressões no lar.

Enfim, a nossa pesquisa investiga e discute a vida e obra de Elza Soares e em que medida ambas representaram as vozes silenciadas dos negros, negras e de outros grupos minoritários. Pesquisar e debater se a produção cultural de Elza Soares a transformou em uma ativista dos Direitos Humanos em defesa dos invisibilizados.

E, neste trabalho, se busca por teóricos para dar maior embasamento a pesquisa. Assim, nos baseando nos teóricos estudados na disciplina Metodologia em Crítica Cultural, iremos

apresentar aqueles que, na nossa opinião, mais convergiram com a pesquisa em curso, tempo em que discorreremos sobre o surgimento de novos questionamentos e inquietações.

## **METODOLOGIA EM CRÍTICA CULTURAL: DESBRAVANDO NOVAS FRONTEIRAS**

A Doutora Maria Neuma Mascarenhas Paes e o Doutor Osmar Moreira dos Santos nos receberam na disciplina Metodologia em Crítica Cultural com acolhimento e entusiasmo. Confessamos que nossa expectativa era receber um manual, ou uma espécie de roteiro, do tipo “receita de bolo”, para facilitar o aperfeiçoamento do projeto e a escrita da dissertação.

Não poderíamos imaginar que o método por eles a ser empregado a cada encontro seria o menos previsível possível, porque a cada aula surgiam questionamentos, inquietações, dúvidas e a incrível sensação de termos vivido sem pensar o mundo ao nosso redor. De viver sem refletir sobre o que somos, o que vivemos e porque vivemos.

A seguir passamos a compartilhar as nossas primeiras impressões sobre os textos estudados na disciplina Metodologia em Crítica Cultural, especificamente, aqueles que se relacionaram com o nosso projeto de dissertação de forma fácil e natural.

O “encontro” com Giorgio Agamben, no texto *Infância e História*, nos trouxe a questão sobre experiência e linguagem. Na introdução da obra, do mesmo título, o autor assevera que a expressão justa para existência da linguagem é a vida humana. Agamben no início do texto trouxe uma citação, a saber, “o espírito não tem voz, onde há a voz há corpo” (Agamben, 2005, p. 19 apud Leonardo).

O teórico constrói, sobre o pensamento de Descartes, a ideia de que o pensar e o existir estão condicionados a linguagem. Ao término da aula, se pudéssemos, queríamos apenas a oportunidade de perguntar a Agamben: É possível pensar e existir quando a linguagem produzida é ignorada ou invisibilizada? Para que se reconheça a existência da linguagem que tipo de vida humana é considerada como elegível? Agamben não poderá nos responder, logo, os questionamentos ficarão sem respostas.

Estudar o estruturalismo francês foi uma experiência interessante. O estruturalismo francês é uma prisão perpétua da qual somente se sai com a morte, todavia, o texto Rizoma de autoria de Gilles Deleuze e Félix Guatarri dá a sensação de implosão do cárcere. Biologia e linguagem na construção de um conhecimento dinâmico. O pensamento rizomático como expressão de resistência e luta. Destacamos o princípio da cartografia, no qual o rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. O pensar fora da estrutura, a desconstrução de estruturas e sistemas, enquanto subalternizados e invisibilizados, é uma ideia libertadora.

O texto, O que é marxismo ortodoxo? - De autoria de Georg Lukács causou em nós forte impressão. O método dialético como veículo de revolução, na medida em que se investiga como a teoria penetra as massas e desenvolve a práxis desta mesma teoria. Lukács, no livro História e Consciência de Classe, traz um pensamento de Marx que entendemos bem oportuno: “Não basta que o pensamento tenda para realidade; é a própria realidade que deve tender para o pensamento.” (Lukács, 2018. p.65 apud Marx, Einleitung zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie, MEWI, p.385).

O conhecimento da sociedade para sociedade. Sujeito e objeto idênticos. No final da aula, apesar da boa impressão, ficaram os questionamentos para reflexões posteriores: Quantos se ressentem de haver epistemologias divorciadas da realidade?

Será que o sofrimento humano, nas suas mais variadas dimensões, em especial naquela que lhe retira a dignidade, não deveria ser o único objeto de episteme para que se pudesse atingir os ideais do justo, verdadeiro, bom e belo? Inquietações, quicá pueris, de uma aspirante a pesquisadora.

Também foram estudados textos de Jacques Derrida, Gastor Bachelard, Carlo Ginzburg, Jean-Paul Sartre e Silviano Santiago, teóricos cujas obras são relevantes para entender a importância do método, mas que, aparentemente ainda não se relacionam com a pesquisa.

Aproveitamos a oportunidade para salientar que, ao término de cada aula sentíamos a ausência de teóricos negros e indígenas porque, apesar da importância do trabalho dos teóricos europeus, aquele conhecimento eurocêntrico não fora construído para as minorias.

O conhecimento eurocêntrico não foi construído e pensado para a povo da periferia; para o agricultor de subsistência residente em um rincão esquecido em algum lugar da América, África ou Ásia; para a doméstica que sustenta uma prole numerosa; para o indígena expropriado de sua terra; para etnias que foram escravizadas e depois abandonadas como animais sem utilidade; em suma, o conhecimento não foi pensando para quem não é homem, branco, hétero e rico.

E, nos parece, que os teóricos ocidentais que defendem a desconstrução, a desterritorialização e a transformação da realidade (revolução), não cogitaram que as minorias, que os subalternos poderão ser os únicos capazes de desconstruir, reconstruir um novo sistema e uma nova realidade.

A luta desarmada dos subalternos, trazida na obra homônima do Doutor Osmar Moreira dos Santos é um exemplo

de como o conhecimento pode trazer esperanças e otimismo para lutar por um mundo e uma sociedade melhor.

Não recebemos na disciplina Metodologia em Crítica Cultural um manual, um roteiro ou uma receita, mas, com certeza recebemos algo de inestimável valor: a possibilidade de fazer parte de um grupo de estudiosos que pensam a realidade, veem as minorias e trabalham para construir uma episteme inclusiva e multicultural.

## **A MULHER DO FIM MUNDO: O CONTRADISCURSO NA OBRA DE ELZA SOARES, SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA CULTURAL E DOS DIREITOS HUMANOS**

O filósofo político italiano Norberto Bobbio (2020), na obra *A Era dos Direitos*, assevera que “os direitos humanos nascem quando devem e podem nascer”. O autor, na mesma obra, acresce que os direitos humanos não nascem todos de uma vez, nem de uma vez por todas. Os direitos humanos, podemos concluir, são frutos de reivindicações e muitas lutas.

Assim, não se pode negar que o silenciamento histórico e a pouca proteção legal impostos aos negros e negras das periferias decorrem da ordem política, cultural e social vigente no Brasil. Este *status quo* contribui para violações sistemáticas aos Direitos Humanos de negras e negros e demais grupos minoritários.

Importante destacar que a resistência, além de uma técnica de sobrevivência, poderá ser um direito essencial para a consecução da dignidade da pessoa humana.

O objetivo do trabalho é investigar e discutir como a vida e obra de Elza Soares representaram as vozes silenciadas de negros e negras da periferia. Pesquisar e debater se a artista se utilizou do direito de resistência para representar as minorias e, desta forma, agir em defesa dos Direitos Humanos que lhe são negados

ou reduzidos. As canções emblemáticas interpretadas por Elza Soares ressaltam as dores, as lutas e as conquistas dos negros e negras que sempre sofreram calados, sem ter uma representatividade.

Ao estudarmos Agamben podemos imprimir mais uma tônica a pesquisa, porque a linguagem carece de intenção para que seja compreendida. A realidade das minorias silenciadas aponta que não basta falar para existir, visto que a comunicação se estabelece quando alguém fala e outro ouve. Neste contexto, importante pesquisar e discutir se Elza Soares em 60 anos de carreira tinha consciência da importância da linguagem para comunicar a sua existência e de outros em igual condição; se ela se opôs conscientemente ao silenciamento histórico e chamou a atenção sobre a mazelas que dizimavam negros e negras segregados nas favelas por uma questão de luta de enfrentamento ou de resistência.

Investigar e debater se foi a luta para não sucumbir a fome e a doença que despertou em Elza Soares a resistência necessária para reescrever sua trajetória de vida através das canções que interpretava.

Importante estudar a linguagem musical de Elza Soares e a transformação dela ao longo da sua produção cultural. Como ela se utilizou da interpretação nas canções para potencializar discursos e promover questões sociais.

O pensamento rizomático de Deleuze e Guattari parece encontrar reverberação na vida e obra de Elza Soares. O destino de Elza Soares era nascer, viver e morrer invisibilizada por ser negra, pobre e marginalizada, mas ela superou os obstáculos políticos, sociais e culturais apesar de escolher uma profissão que a época a equiparava a prostituta. Contudo, nesta fase é

prematureo afirmar que a vida e obra de Elza Soares podem ser interpretadas como um rizoma.

E, ao pesquisar a vida e obra de Elza Soares buscamos identificar e problematizar na sua produção cultural os elementos que podem ser considerados fatores de transformação da realidade na sociedade na medida em que promovem e reforçam os Direitos Humanos, na dimensão da Dignidade da Pessoa Humana.

O aspecto revolucionário da dialética materialista se apresenta como instrumento hábil para o desenvolvimento da pesquisa, visto que o contradiscurso presente na vida e obra de Elza Soares poderá permitir a construção ou valorização de políticas públicas em defesa dos Direitos Humanos, em defesa do Direito das Mulheres, em defesa da Dignidade da Pessoa Humana.

No conjunto os teóricos estudados na disciplina Metodologia em Crítica Cultural contribuíram para o aprofundamento da necessidade de produzir conhecimento que advenha da realidade, porque é no dia a dia que as pessoas são silenciadas, exploradas, mortas e esquecidas. E neste processo são destruídos seus direitos e sua dignidade enquanto ser humano.

Por outro lado, apesar não ter sido objeto de estudo na disciplina, a obra *A luta desarmada dos subalternos*, de autoria do Doutor Osmar Moreira dos Santos, sempre fora evocada pelo corpo discente, porque estamos em guerra, e, a armas dos subalternos estão no campo da educação, da arte e da Cultura. A pesquisa procurará apontar, desta forma, a importância da luta da artista Elza Soares na batalha de resgate da dignidade da pessoa humana de negros e negras, e grupos afins.

E, fazendo alusão ao trabalho da Doutora Jailma dos Santos Pedreira Moreira, Elza Soares reescreveu a si mesma. Estamos diante de uma artista negra e periférica que começou a carreira artística equiparada a mulher da vida, uma senhora que não era

digna de respeito, mas, que após décadas de trabalho árduo no campo da cultura finalizou sua trajetória consagrada e respeitada. Enfim, um estudo conta com o embasamento teórico capaz de permitir o desenvolvimento do projeto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esperamos que a pesquisa em curso, em torno da vida e obra de Elza Soares, possa contribuir na construção de um conhecimento voltado a valorização da produção cultural de negro e negras periféricos. Que provoque a sociedade a pensar a produção cultural de Elza Soares não apenas como o trabalho de uma grande artista, mas, também, e, principalmente, como uma obra de uma mulher negra, pobre e periférica que chegou a um lugar de destaque após muitas lutas e perdas. O reconhecimento do trabalho de Elza Soares não foi dado, foi conquistado.

Registre-se que um subalterno ao lutar, não o faz apenas por si, faz, mesmo que inconscientemente, por todos aqueles que como ele sofrem opressão.

A arte é um poderoso instrumento de luta. A vida e obra de Elza Soares tiveram início, meio e fim, contudo, a luta que ela travou ainda permanece, e, ela convoca novas vozes para que o contradiscurso continue forte e presente na defesa dos Direitos Humanos.

## **REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*; [tradutor Henrique Burigo]. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: LTC, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Introdução: Rizoma*. In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 7-37.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: estudo sobre a dialética marxista*. 3ª Ed.. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 7, n. 13, p. 71-88, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17237/14257>. Acesso em: 01/11/2022.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos* [livro eletrônico]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.